

Iconotexto, *ethos* prévio, mostrado e dito: um imbricamento na capa *Sobrevivendo no inferno* do Racionais MC's

Daniel da Rocha Silva¹
Marcia Regina Curado Pereira Mariano²

Resumo

Este estudo tem como objetivo apresentar o iconotexto em correlação com o *ethos* prévio e com o *ethos* discursivo existentes na capa do livro *Sobrevivendo no inferno* do grupo de *rap* paulista Racionais MC's. Desse modo, tomamos como discussão os postulados da análise de discurso de linha francesa, basicamente as ideias de Maingueneau (2020) e também as reflexões da imagem que o enunciador constrói de si, de Amossy (2016). Além das contribuições de Mariano (2014, 2020) para os estudos do *ethos*. Assim, consideramos que o iconotexto enquanto indissociação do visual/verbal também é inseparável do *ethos* prévio e do *ethos* mostrado/dito na materialidade analisada.

Palavras-chave: Iconotexto. *Ethos* prévio. *Ethos* mostrado e dito. *Sobrevivendo no inferno*. Racionais MC's.

1. Introdução

Os estudos retóricos avançaram à medida que a própria concepção apresentada por Aristóteles não se limitava apenas à oratória. Para Maingueneau (2020), o pensador grego pensou no ato da enunciação quando o orador se utiliza de recursos verbais que tenham como capacidade persuadir o seu auditório acarretando em uma relação de confiança perpassada pelo caráter desse orador. Dessa maneira, permite-nos depreender que seja o *ethos* algo pontual, do aqui-agora com o seu auditório, por isso a não finalização do conteúdo abordado tratado sempre como uma “dúvida”, palavra utilizada pelo próprio Aristóteles (1967 [1938]), citado por Maingueneau (2020, p. 9).

Ainda conforme esse autor, em grego, *ethos* é polissêmico, o que permitiu, ao longo dos estudos, muitas interpretações. Após um período decadente, as concepções aristotélicas foram apresentadas em diálogo com a análise de discurso de linha francesa, principalmente nos anos 80, tendo como principal precursor o professor/pesquisador Dominique Maingueneau, e é diante dessa perspectiva que este estudo será abordado.

Para tal, tomaremos como ponto de partida a definição de *ethos* até chegarmos aos nossos objetivos, que são: relacionar a noção de iconotexto com o *ethos* prévio, o mostrado e

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos (PPGL/UFS); São Cristóvão, Sergipe, Brasil; danieldarochasilva@gmail.com

² Pós-Doutora em Língua Portuguesa (PUC - SP); Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH/USP); Professora Associada do Departamento de Letras, *campus* Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS); São Cristóvão, Sergipe, Brasil; ma.rcpmariano@academico.ufs.br

o dito analisados na capa do livro *Sobrevivendo no inferno*, do Racionais MC's, lançado pela Companhia das Letras em 2018; destacar a eficácia persuasiva do uso da linguagem visual na associação com a verbal; evidenciar a importância social do *rap* enquanto manifestação cultural de grupos marginalizados e enquanto expressão de resistência a discursos dominantes. Esse livro é composto por 143 páginas e abarca as canções do álbum homônimo lançado em 1997 que se tornou histórico para a cultura brasileira, não apenas pela vendagem recorde se levado em consideração o ritmo *rap/hip hop*, pouco difundido no Brasil e passível de preconceitos, mas também por apresentar uma materialidade que se coloca como uma resposta a uma das mais violentas chacinas acontecidas no país, a do Carandiru, ocorrida em 02 de outubro de 1992. Ademais, apresenta 12 canções e tornou-se leitura obrigatória no vestibular de 2020 da Universidade de Campinas (UNICAMP) na categoria poesia.

Justificamos nosso estudo por considerarmos ser esse campo abrangente e jamais finalizado em relação às diversas perspectivas que se mostram pelo prisma das ciências humanas; outrossim, chegamos até aqui justamente pelo avanço das pesquisas que nos permitiram adentrar à análise de discurso francesa. Assim, o *ethos* tem se mostrado atual no que tange aos novos *corpora* surgidos, sem se restringir apenas à oratória.

Nossa metodologia parte de uma abordagem qualitativa, visto que temos como prioridade a explanação dos resultados sem dados estatísticos. Por conseguinte, e em relação aos objetivos, estamos assistidos pela pesquisa bibliográfica, haja vista que nossa base teórica é de material científico já publicado. Portanto, está ancorada nos estudos de Maingueneau (2020) acerca da noção de iconotexto; Amossy (2016) sobre a imagem construída de si pelo próprio orador; além de outros estudiosos que contribuem para os estudos sobre o *ethos*, como Mariano (2014, 2020).

Por fim, depreendemos que, diante da materialidade analisada, a apresentação de iconotexto do Maingueneau (2020) se confirma visto que não conseguimos separar o verbal do visual a partir da relação indissociável do dizer “Sobrevivendo no inferno” com a cruz em um fundo preto, que remete os analistas a compreender que viver nas comunidades das grandes cidades é um inferno, e leva à morte, em decorrência da ausência de serviços básicos que deveriam ser prestados pelo Estado; ainda, há uma relação imbricada entre o *ethos* prévio, mostrado e dito na capa do livro, pois relacionamos essas três categorias à imagem do grupo Racionais MC's.

2. *Ethos*: da retórica antiga à análise de discurso

Os estudos contemporâneos expandiram as perspectivas do que venha a ser o *ethos*. No entanto, corroboram com a própria noção apresentada por Aristóteles, ao menos, não se distanciam principalmente no que se refere à aceitação de que o *ethos* se constrói na enunciação. O filósofo grego considera a retórica a partir de uma tríade: *ethos*, *páthos* e *lógos*. Então, Mariano (2020, p. 243), ao citar Aristóteles (2011), esclarece-nos da seguinte maneira: “[...] a imagem construída de si pelo orador, ligada ao caráter por ele mostrado no discurso, o *éthos*; as emoções e paixões despertadas no auditório pelo orador, o *páthos*; e o próprio discurso em si, naquilo que demonstra pela argumentação, o *lógos*.”, e é com/nesses cruzamentos que acontece a persuasão.

Embora tenha apresentado os meios de persuasão da retórica a partir dos três eixos citados, Aristóteles (2011) considera o *ethos* o mais eficiente. Nesse sentido, consideramos-lhe enquanto uma apresentação do orador, i.e., o primeiro contato que o auditório tem com o orador dá-se através do *ethos*, portanto, caracteriza-se como o eixo central da tríade oratória. Pois, é por onde começa e, de certo modo, onde se encontram as possibilidades de persuadir, por isso “Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório.” (AMOSSY, 2016, p. 10).

A aproximação dos estudos atuais com os da antiga retórica são evidentes. Não nos interessa confrontar teorias, mas trazê-las de modo que essa aproximação seja compreendida naquilo que compartilham, embora, como bem afirma Amossy (2016), a pragmática reivindique a noção de *ethos* a partir da construção da imagem do orador pela enunciação, fato que se assemelha aos antigos:

Trata-se, de fato, de saber se o *ethos* é, como pretendia Aristóteles, a imagem de si construída no discurso ou, como entendiam os romanos, um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.) (AMOSSY, 2016, p. 17).

Dito de outro modo, as noções trazidas à baila pelos estudiosos da contemporaneidade são apresentadas por tipificações outras, a exemplo de *ethos* prévio/pré-discursivo, iconotexto etc. Esses conceitos são diferenciados pelo que se toma como destaque para análise, ou seja, o *corpus* privilegiado por cada um desses autores. Com isso, compreende-se que, genericamente, por *ethos*, as definições não se desligam, apenas se completam em um efeito de continuidade,

Assim, o *ethos* dos pragmáticos, na linha de Aristóteles, constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso, enquanto o dos sociólogos se inscreve em uma troca simbólica regada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores (AMOSSY, 2016, p. 122).

Já o *ethos* da análise do discurso, por sua vez, compreende esses dois aspectos, levando em consideração o *ethos* discursivo da retórica, o mais importante, e um *ethos* anterior, externo ao discurso, dos estudos sociológicos.

Na análise de discurso de linha francesa, destaca-se o professor/pesquisador Dominique Maingueneau. Em sua perspectiva, considera que “Estudar o *ethos* é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo.” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9). Dito isso, consideramos que os novos estudos apresentam-nos novos *corpora*, o que nos permite sair da oratória. Nesse contexto, Maingueneau inovou ao dizer que há *ethos* além do verbal, portanto, “a todo uso da linguagem”, mas isso não significa uma diferenciação do que foi apresentado por Aristóteles em relação ao conceito do *ethos*.

Por este mesmo prisma, de abarcamentos dos *corpora*, Mariano (2020, p. 244) afirma: “[...] tais alargamentos da noção (dentre outros) não invalidam a concepção aristotélica, mas a complementam, podendo auxiliar na análise dos discursos contemporâneos.”, haja vista que temos discursos outros que não faziam parte da época da Grécia Antiga, a exemplo dos discursos tecnológicos e/ou os advindos desses. Portanto, constitui-se como sendo algo natural da evolução dos estudos acerca do *ethos* sem perder a essência do que já nos foi apresentado.

Como bem considera Amossy,

Privilegiando o emprego do enunciado em situação e a força da palavra, as diferentes correntes da Análise do Discurso e da Pragmática hoje reencontram a Retórica definida como a arte de persuadir. À maneira de Aristóteles, procuram compreender e explicar como o discurso se torna eficaz (AMOSSY, 2016, p. 10).

Diante da aproximação entre o que se pensa acerca dos estudos retóricos antigos e atuais, corroboramos com a noção apresentada pela análise do discurso de linha francesa, pois acreditamos ser o *ethos* capaz de convencer o auditório. Embora digamos ser esse convencimento quando o orador toma a palavra, não consideramos como única para que tal fato aconteça, i. e., acontece pelas mais diversas maneiras como a linguagem, híbrida por si só, apresenta-se. Dito isso,

É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente (MAINGUENEAU, 2016, p. 70).

Essa abrangência de manifestação do *ethos* é uma importante colaboração dos estudos discursivos. Maingueneau (2016) questiona a própria finalidade do *ethos*, a de persuadir; para ele, é a verdade que se manifesta com primazia no momento da enunciação, por conta da tradução dada por Aristóteles, *ethos* = caráter. Desse modo, só aconteceria a persuasão através de outra noção defendida pelo estudioso, a de incorporação, pois daí o auditório seria levado a depreender o caráter do orador que estaria relacionado à cenografia apresentada.

A persuasão faz parte da constituição do *ethos* tanto quanto o código linguístico utilizado, visto que o discurso precisa pressupor uma cena enunciativa; sem ela, não há validação do enunciado, tampouco se institui ao que lhe acha pertinente, como bem afirma Maingueneau (2016).

3. Iconotexto: algumas considerações

Atualmente, já podemos considerar o *ethos* em muitas perspectivas, desde o visual até a indissociação do verbal com o não verbal (que não deixa de ser o visual, a priori). Maingueneau (2020, p. 35) conceitua o iconotexto como “[...] íntima associação entre o verbal e o visual.”, e nos permite dialogar, a partir de então, com o *ethos* na interface com a imagem materializada. No entanto, e apesar de haver uma união, apresenta-nos apenas um, e não *ethe*, como bem alerta Maingueneau (2020), por isso consideramos dependentes.

Embora não seja uma relação passiva entre ambos (verbal e visual), no sentido de não se complementarem em tudo, o iconotexto apresenta uma imagem que se constrói a partir de uma associação semelhante entre o que se lê e vê, embora essa semelhança não seja unânime. Por isso, compreende Maingueneau (2020), no caso de acontecer contradições por parte do enunciador, é papel do analista de discurso depreender qual *ethos* há entre essas contradições.

O iconotexto é apresentado como “[...] textos cuja leitura envolve não somente a construção interativa do sentido por meio da decodificação do código escrito, mas também a interpretação da imagem e seus sucedâneos.” (ALMEIDA, 2015, p. 35), permitindo-nos compreendê-lo diante de uma relação imbricada, do escrito ao visto. Assim, a imagem (ícone) é parte fundamental do *ethos*, e se mistura, em seus sentidos, com o que se lê, pois “Cientificamente, as pressuposições se revelam tão somente a partir de rastros, pistas e fragmentos grifados ao longo dos percursos percorridos pelos ícones, verbos, símbolos que integram os textos. No caso o iconotexto.” (ALMEIDA, 2015, p. 41).

Essa integração é o que acarreta em uma unicidade, i.e., não é possível analisar um distante do outro e/ou separado do outro. O iconotexto é uma imagem que se intercala junto

ao verbal com o intuito também de persuadir o seu interlocutor, e é nesse sentido que há uma troca entre ambos, em que se sobrepõe a intenção do enunciador. Então, “Ha empezado a ser posible la representación de nuevos entornos de comunicación basados en la interacción com imágenes.” (GARCÍA, 2000-2001, p. 7), ou seja, sem essa comunicação não seria possível a persuasão que se dá pela interação do ícone com o verbal na construção de um *ethos*.

O fato de lidarmos com um *ethos* que dá a entender ser mais de um, pode ocasionar, no leitor comum, um certo prevalectimento, do verbal ou do visual. Por isso, os iconotextos têm sido explorados pelo discurso publicitário, que marcam, de certo modo, um destaque maior no ícone (imagem) no intuito de obter o resultado que busca. Desse modo, corroboramos com Maingueneau (2020) quando afirma que o iconotexto não pode ser analisado a partir de uma função simplista de ilustrar, ele busca persuadir.

Assim, “Este espaço de fronteira entre o iconotexto ‘em papel ou em tela’, natureza inerentemente abstrata, e seus entornos, de cunho igualmente abstrato posto emergirem das língua (gens), se realizam em ambiente de trocas efetivas.” (ALMEIDA, 2015, p. 44), dentro dessas trocas efetivas do enunciador com o interlocutor está a persuasão. Com isso, consideramos que a relação enunciador/interlocutor no que tange o ato de persuadir é inerente, visto que, a partir do imbricamento dos elementos verbais/visuais, acontece quase naturalmente, embora já tenhamos esclarecido que possa haver uma preferência por parte do interlocutor. Mesmo assim, não há possibilidades de separação entre os pares.

Como bem afirma García (2000-2001), a troca de mensagens entre o autor e o usuário é permanente, portanto, constante. I.e., envolve/implica em persuasão. Ressaltamos que o iconotexto sempre se relaciona com o seu público-alvo, é nesse a busca pelo convencimento a quem busca convencer/persuadir. Por isso:

Este espacio llega a los sentidos del mismo modo que éstos obtienen datos del entorno físico. No obstante, también hay que tener en cuenta la influencia directa de los aspectos culturales de cada individuo que determinan una realidad concreta. Estos aspectos, por otro lado, constituyen la referencia fundamental a la hora de determinar la forma en la que el ser humano se relaciona con el entorno. La realidad viene a conformarse como una narración sustentada en determinadas elecciones puntuales, y en la que cada persona se constituye en su único narrador (GARCÍA, 2000-2001, p. 8-9).

Então, diante da associação entre o verbal/visual haverá características que irão remeter o público ao seu meio de vida, ou seja, ao que lhes identifica enquanto pessoas. Portanto, essa ligação intrínseca entre orador/interlocutor acontece através de elementos linguísticos e/ou visuais que fazem parte de uma classe, seja política, social, étnica etc. Por isso, Maingueneau (2020) afirma que o iconotexto sai de uma imagem ilustrativa, no sentido

próprio da palavra. Entretanto, isso pode até acontecer, quando o interlocutor não fizer parte do público-alvo exposto pelo iconotexto. Nas palavras de Almeida (2015, p. 45):

Diante de um iconotexto, por exemplo, um leitor que eventualmente ignore sua complexidade, talvez contemple diante de si um objeto cujos prolongamentos ele desconhece. Logo, não é capaz de identificá-los quando os apreende. Ademais, se por acaso se deparasse com eles não seria capaz de reconhecê-los por falta de conhecimento prévio. O leitor avisado, diferentemente, poderia enfrentar a sensação de impotência, diante da explosão de possibilidades que um novo conhecimento aporta. Teria diante de si vasta rede de caminhos, e estabeleceria muitas gamas e ligações interpretativas possíveis, que ultrapassariam suas possibilidades de exaurir questões. As redes heurísticas não são círculos que se permitem fechar, mas espirais que conduzem o leitor a se aproximar de aspectos já sobrevoados, mas sob outros ângulos e com novos olhares.

Dito de outro modo, o interlocutor que é atingido perante a mensagem passada terá muitas interpretações daquele *ethos* mostrado e/ou dito; porém o que não faz parte daquele determinado grupo acaba por ficar sem entender o que o enunciador quer passar, ou poderá trazer uma perspectiva distante do *ethos*.

Diante dessa mistura, o ponto mais importante do *ethos* de um iconotexto acontece perante a ligação entre as suas partes constituintes. Do lido ao visto há um espaço mínimo no imbricamento entre ambos, que, para o auditório particular, acaba por ser uma construção de imagem de si espontânea, ou seja, é como se não existisse uma sem o outro, as palavras sem o ícone. Assim, compreendemos que precisam estar alinhados, no sentido de relação entre o que se diz e o que se vê, as palavras utilizadas precisam estar relacionadas ao ícone, precisam estabelecer sentidos próximos, e muito próximos, quase que descritivas semanticamente.

4. *Ethos* prévio, mostrado e dito

Com os estudos de discurso avançando diante do que podemos compreender acerca do *ethos*, consideramos já não ser um espaço específico da oratória, apenas; mas em toda e qualquer manifestação da linguagem. Embora sejam definições aproximadas, as possibilidades de *corpora* para análises foram ampliadas. Nesse sentido, algumas concepções formativas do *ethos* foram surgindo, a exemplo do prévio, mostrado e dito.

Por esse prisma, Amossy (2016, p. 127) diz: “É o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem.”, e isso acontece principalmente quando o orador é uma pessoa pública, reconhecida do auditório por aparecer nos meios de comunicação de massa, a exemplo dos artistas. O grupo Racionais MC’s corrobora com esse *ethos* prévio, visto que são reconhecidos nacionalmente e sempre adotam uma postura crítica diante de assuntos

pertinentes socialmente, como racismo e demais preconceitos que atingem os moradores das comunidades à margem das grandes cidades.

Chamado por Maingueneau (2020) de *ethos* pré-discursivo, configura-se como informações já ditas sobre o enunciador. *A priori*, inerente, quando levamos em consideração os dias atuais em que a tecnologia se constitui como um meio de notícias em tempo real. Porém, pode haver oradores desconhecidos de um auditório; mesmo assim, algo já foi dito sobre ele e/ou o que defende. Quando não, sua profissão, idade, origem etc. já dão indícios desse *ethos* anterior à enunciação. Além disso, “O simples fato de um texto resultar de um tipo, de um gênero de discurso e de determinado posicionamento ideológico induz expectativas em termos de *ethos*” (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

O *ethos* prévio torna-se inseparável da construção do *ethos* efetivo, mas é com a tomada da palavra, no *ethos* discursivo, que se confirma, ou não. Essa situação oferece ao próprio enunciador uma expectativa maior, pois o mesmo precisa corroborar com esse pré-discursivo/prévio conhecido do interlocutor ou desfazê-lo completamente.

Ainda, o enunciador tem em seu *ethos* o mostrado e/ou o dito. E mesmo que o segundo não seja uma obrigação, como afirma Maingueneau (2020), em alguns *ethe* essa particularidade acontece, ou seja, os dois apresentam-se. Em comum, a intrínseca relação com a palavra, tanto nas escolhas lexicais quanto na maneira de expressá-las para o seu auditório.

Ao enunciar, a tomada de palavra caracteriza-se como uma atitude discursiva, é aí que podemos depreender o mostrado/dito. Conceituando-os, e diante desse momento discursivo, Maingueneau (2020, p. 11) afirma que “[...] põe em interação um *ethos mostrado*, decorrente da maneira de falar, e um *ethos dito*, aquilo que o locutor diz de si mesmo enquanto enuncia [...]”; o primeiro, por ser imprescindível, oferece ao auditório um leque de características a serem observadas; no segundo, amparado pelo “falo de mim se eu quiser”, não é um enigma. Pois, algo já foi dito sobre o orador, e isso está ligado ao *ethos* previamente construído acerca do mesmo, o enunciador vai reafirmar ou negar no exato momento discursivo. O *ethos* dito é aquele em que o orador diz: “[...] sou isto, não sou aquilo” como afirma Barthes (1970) citado por Amossy (2016, p. 10) se não construído completamente, mas com alguns indícios apresentados, embora possam ser negados. Nesse caso, irá se sobrepor o *ethos* mostrado na construção da imagem do orador.

Diante dessa relação, eles são intrínsecos, dependentes. Não podemos falar de um sem falar do outro, principalmente diante desse *corpus*. Assemelham-se à tríade aristotélica *ethos-pathos-logos*. E ainda que possam ser analisados separadamente, tal como a tríade, eles estão lá presentes e constituindo o mesmo *ethos* na visão discursiva de Maingueneau.

5. Análise do *corpus*

A materialidade que se apresenta como *corpus* desse tópico revela-se como um imbricamento no sentido das relações entre a parte verbal e a visual a partir do ícone representado por uma cruz. Quanto a essa relação, Maingueneau (2020, p. 12) afirma o seguinte: “O *ethos efetivo* de um enunciador resulta, então, da interação entre seu *ethos pré-discursivo*, seu *ethos discursivo* (*ethos mostrado*), os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos dito*).”; com isso, constroem um *ethos* crítico aos desmandos sociais que assolam as favelas brasileiras, e não apenas lá.

Do mesmo modo, a cruz, enquanto iconotexto que se associa intrinsecamente ao verbal “sobrevivendo no inferno”, expõe ao seu *pathos* que o grupo de *rap* Racionais MC’s emergiu de uma comunidade abandonada pelo Estado e, com isso, devastada pelo esquecimento. Da mesma maneira, engloba o não oferecimento de serviços básicos públicos: saúde, educação e segurança. O *ethos* construído pelo Estado é de desprezo para com os seus moradores, asseverado pela violência policial dentro das comunidades (prévio/pré-discursivo).

Imagem 1: capa do livro Sobrevivendo no inferno



Fonte: Racionais MC’s, Companhia das Letras, 2018.

A cruz associada ao verbal assevera que há morte nas comunidades pouco e/ou nada enxergadas pelo poder público; ainda, mortes decorrentes do abandono generalizado da sociedade como um todo. Diante desse *ethos* mostrado, infere-se, a partir do *corpus*, que como somos “[...] sujeitos sociais, podemos dizer que ao enunciar construímos não apenas um *ethos* individual, mas também um *ethos* social ou coletivo, que nos identifica como pertencentes a um grupo, refletindo sua ideologia, seus valores e sua cultura.”, como bem afirma Mariano (2014, p. 179).

Haja vista que estamos analisando um *ethos* artístico reconhecido, portanto, doxa, comum, é pertinente apresentarmos a noção de estereótipo. A estereotipagem “Na perspectiva argumentativa, [...] permite designar os modos de raciocínios próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da doxa na qual ele se situa.” (AMOSSY, 2016, p. 126), o que faz do *rap*, dos Racionais MC’s, uma construção estereotipada no sentido de já existir informações construídas acerca do ritmo, do grupo, de onde vivem, o que passam e do que defendem. Portanto, “O locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra” (AMOSSY, 2016, p. 126).

Para essa multiplicabilidade de sentidos, referendamos também o nosso trabalho, a grosso modo, no que diz a multimodalidade, pelo que entende Van Leeuwen (2011), sobre ser a multimodalidade a integração dos recursos que possibilitam comunicabilidade, sejam esses verbais, tecnológicos, visuais etc. Assim, nessa materialidade analisada, notamos essa integração entre o verbal e o visual através da imagem. Com isso, os sentidos são muitos a partir das relações que ali estão, do nome da banda que por si só já nos convida ao pensar, pois induz o leitor e o chama para “racionalidade” a partir do momento que é uma provocação: “você é racional?”.

Os Racionais MC’s é um grupo que se torna notável por pensar diferente em meio aos seus, esses dominados pelo sistema; até a cor das letras, em vermelho, sangue dos desassistidos nos hospitais públicos, dos mortos pelo crime, pela violência policial na tentativa, às cegas, de combatê-lo. O grupo retoma uma ideia de resistência e invoca um grito pelos direitos sociais, ou seja, e pelas palavras de Oliveira (2018), faz com que a comunidade periférica assuma suas mazelas e, a partir disso, haja um processo de emancipação na luta pelos seus direitos e, por conseguinte, o Estado exerça seus deveres.

Quanto ao *ethos* dito, permite-nos perguntar: “Quem sobrevive no inferno?” E diante da relação com o prévio, a resposta, nessa materialidade, é automática. E corrobora com o estereótipo, prévio e mostrado. Nesse sentido, a população das comunidades, em sua maioria negra e pobre, por ter seus direitos básicos negligenciados, está no inferno. Esse, são suas

próprias casas igualmente sem condições de moradia assim como seus bairros, infiltrados, alagados.

A resposta, a partir de um gerúndio, configura-se em uma pluralidade que abarca os perfis socioeconomicamente marginalizados. Conseqüentemente, esse “nós” elíptico infere também não apenas os moradores de comunidades, mas aqueles que sofrem em seus cotidianos com os desmandos sociais, do preconceito à desigualdade de renda marcante no Brasil. O iconotexto ainda permite análises mais profundas acerca do caos social das comunidades periféricas brasileiras. As pontas afiadas da cruz remetem-nos a uma espada, no sentido simbólico de cortante, apontada para os lados, cima e para baixo, ou seja, os periféricos. Podemos depreender ainda, que, no centro da cruz, o orifício se assemelha ao globo ocular, ao Estado e suas forças, à classe dominante com seus privilégios observando de suas mansões centrais o desfarelar-se do seu próximo.

A ideia de que somos todos humanos e irmãos se constitui pela proximidade do orifício e as pontas da cruz, que, em seu tripé tridimensional, oferece-nos uma noção de grandeza no que tange à numerosa população das comunidades, embora em situação desigual. É uma camada social maior, porém esquecida. Esse esquecimento é o inferno que acarreta em todas as calamidades sociais, da falta de hospitais às escolas, cada vez mais depauperadas pela falta de atenção do poder público.

A última ponta aguda da cruz apresenta uma real semelhança com a ponta de um lápis na imensidão escura representada pelo preto, dando-nos uma interpretação de solução para clarearmos essa dura realidade. A educação surge como fênix, do inferno, do preto colocado como pano de fundo dos esquecidos, nem vistos.

A sombra na cruz, em seus lados, é a sombra da mudança, não de sair dali, pois ficariam os seus iguais, mas a mudança que sombreia o acreditar no viver em determinados lugares e contextos. Compreendemos a sombra como possibilidade de mudança social, algo mais leve, inserção em um contexto plausível de vida, dignidade humana. Também interpretamos como um caminho curto da fé, sair da escuridão do inferno até a cruz, símbolo de Cristo, um caminho que sustenta, um entremeio que os faz seguir, um vizinho mais próximo entre o já perdido (o fundo preto, inferno) e a fé que alimenta (a cruz como representação maior de Cristo).

Infere-se, também, que a cruz subjaz fé e esperança, apresentando um paradoxo entre a realidade vivida e a esperança de um lugar melhor. A capa *Sobrevivendo no inferno* e a obra dos Racionais MC's possuem “[...] letras permeadas pelo vocabulário do universo cristão, apontando para uma dimensão profética no discurso do quarteto [...]”, como bem consideram

Oliveira, Segreto e Cabral (2013, p. 106). E permite-nos ir além, pois “Diante de um sistema opressor, identificado como demoníaco, o discurso do grupo se reveste da rica simbologia do vocabulário religioso para abordar o drama da periferia.” (OLIVEIRA; SEGRETO; CABRAL, 2013, p. 106).

E isso não é aleatório. Para tanto, há um *ethos* crítico, rebelde e resistente ao Estado que retoma um *pathos* cego, conformado com o caos social a partir do momento que debruça seus anseios no divino, nos santos do catolicismo e em Deus. Essa relação se apresenta no iconotexto, mesmo sendo inferno uma palavra bem decifrada e decidida, sem muitos significados, entra em atrito com a cruz, essa permite diversos pensamentos pois é um objeto sagrado para os católicos, onde se encontra Jesus crucificado, e além de lamentações, há desejos, esperança e sentimentos positivos aos seus pés.

Desse modo, as três categorias analisadas fundem-se diante dessa materialidade acrescida do ícone “cruz” como simbologia maior da morte. Portanto,

De fato, a distinção entre *ethos* dito e mostrado e *ethos* dito verbal e não verbal se inscreve em um *continuum*: é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito”, quando ele é sugerido, e o “mostrado”, entre os comentários sobre a fala e o que não decorre disso (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

Então, diante desse processo de imbricamento, consideramos as relações apresentadas indissociáveis entre as partes. Dito isso, podemos depreender que na construção do *ethos* há uma série de possibilidades que irão constituir a imagem que o orador constrói de si ao tomar a palavra. Sendo assim, a tomada da palavra é imprescindível para o *ethos*.

6. Considerações finais

O iconotexto reúne uma linguagem que se indissocia e oferece ao *pathos* essa ligação intermediada pelo linguístico e pelo visual, de modo que ambos preenchem um ao outro nessa construção. E nesse movimento, encontram-se o *ethos* prévio, o mostrado e o dito, ambos presentes no *corpus*, articulam-se através de um processo de aproximação em que um não pode ser analisado distante do outro, pois estão imbricados e são intrínsecos ao iconotexto que, além da relação, apresenta uma retomada de sentidos que se ressignificam tanto no âmbito verbal quanto no ícone.

Ressalta-se que o ícone analisado tem um significado semelhante ao do verbal, sendo, portanto, uma estratégia dos Racionais MC's para que haja uma “homogeneização” dos significados para o *pathos*, e, este, não consiga se desvencilhar do que o orador queira passar.

MARIANO, Márcia R. C. Pereira. Brasil: o país do futebol? In: SILVA, Eliane B. da; SOBRINHO, Helson F. da S. *Língua falada e escrita – reflexões e análises*. Maceió: Edufal, 2014. p. 177 – 184.

MARIANO, Márcia R. C. Pereira. As funções do discurso epidítico na política e a imagem de si: análise do discurso da cerimônia de posse de Marcelo Déda. *Revista Metalinguagens*, v. 7, n. 1, julho de 2020, p. 240 - 264. Disponível em: <http://seer.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/751> Acesso em: 13 dez. 2020.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: Racionais MC's: Sobrevivendo no Inferno. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Leandro Silva de; SEGRETO, Marcelo; CABRAL, Nara L. S. Caetano. Vozes periféricas: expansão, imersão e diálogo na obra dos Racionais MC's. *Rev. Inst. Estud. Bras.*, São Paulo, n. 56, p. 101-126, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/7bqF8bDntmKLkRX3h6JVZpv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 out. 2021.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VAN LEEUWEN, T. *Multimodality*. In: SIMPSON, J. (Ed.). *The Routledge handbook of applied linguistics*. New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

Iconotexto, ethos prévio, mostrado y dicho: una superposición en la portada *Sobrevivir en el infierno* del Racionais MC's

Resumen

Este estudio tiene como objetivo presentar el iconotexto correlacionado con el *ethos* previo y con el *ethos* discursivo existentes en la portada del libro *Sobrevivir en el infierno* del grupo de *rap* paulista Racionais MC's. De esa manera, tomamos como discusión los postulados de análisis del discurso de línea francesa, básicamente las ideas de Maingueneau (2020) y también las reflexiones de la imagen que el enunciador construye de sí, de la Amossy (2016). Además de las contribuciones de Mariano (2014, 2020) para los estudios del *ethos*. Luego, consideramos que el iconotexto mientras disociación del visual/verbal también es inseparable del *ethos* previo y del *ethos* mostrado/dicho en la materialidad analizada.

Palabras clave: Iconotexto. *Ethos* previo. *Ethos* mostrado y dicho. *Sobrevivir en el infierno*. Racionais MC's.

Iconotexte, éthos antérieur, montré et dit: une superposition sur la couverture de *Sobrevivendo no Inferno* par Racionais Mc's

Résumé

Cet article a l'objectif de présenter l'iconotexte lié à l'éthos antérieur et l'éthos discursif existants sur la couverture du livre *Sobrevivendo no Inferno* par le groupe de rappers Racionais Mc's. Nous discutons selon les postulats de l'analyse française de discours, surtout les idées de Maingueneau (2020), les réflexions d'Amossy (2016) sur l'image que l'énonciateur se construit de soi et les apports de Mariano (2014, 2020) aux études sur l'éthos. Par conséquent, nous jugeons l'iconotexte comme l'indissociable visuel/verbal. Nous croyons aussi que l'iconotexte est inséparable de l'éthos antérieur et de l'éthos montré/dit dans la matérialité analysée.

Mots-clés: Iconotexte. *Éthos* antérieur. *Éthos* montré et dit. *Sobrevivendo no Inferno*. Racionais Mc's

Iconotext, previous ethos, exposed and told: an overlap on the cover *Surviving in hell* by Racionais MC's

Abstract

This study aims to represent the iconotext in correlation with the previous ethos and with discursive ethos existing on the book cover *Surviving in hell* by Brazilian rap group Racionais MC's. Thereby, we took as discussion the postulates of French line discourse analysis, basically Maingueneau's ideas (2020) and also the reflections of the images enunciator builds of himself, of Amossy (2016). In addition to Mariano's contributions (2014, 2020) to the ethos studies. So, we considered that the iconotext while indivisible of visual/verbal is also inseparable from previous ethos and of the ethos exposed /told in the analyzed materiality.

Keywords: Iconotext. Previous Ethos. Ethos exposed and told. *Surviving in hell*. Racionais MC's.